



Revista Brasileira de Ciências Sociais

ISSN: 0102-6909

anpocs@anpocs.org.br

Associação Nacional de Pós-Graduação e

Pesquisa em Ciências Sociais

Brasil

Frehse, Fraya

Erving Goffman, sociólogo do espaço

Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 23, núm. 68, outubro, 2008, pp. 155-166

Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=10713666018>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

ERVING GOFFMAN, SOCIOLOGO DO ESPAÇO*

Fraya Frehse

Já são 25 anos desde sua morte, mas Erving Goffman continua “dando o que falar”. Para permanecermos em trabalhos mais recentes, seu ex-orientando Thomas Sheff (2006) desenvolveu uma teoria dos afetos e das emoções explicitamente tributária das reflexões do autor. No mesmo ano, publicou-se (mais) um guia sintético à sua biografia e principais preocupações teórico-metodológicas (Smith, 2006). Isso, para não mencionar coletâneas que, também neste início de século XXI (Treviño, 2003a; Gastaldo, 2004), desenvolvem temáticas teóricas e metodológicas desse sociólogo

e antropólogo a partir de problemáticas empíricas e teóricas atuais das ciências sociais.

Com base nessas releituras, afora outras, mais antigas,¹ gostaria neste estudo de explorar uma faceta até agora pouco destacada da sociologia goffmaniana. Refiro-me à sua abordagem teórica do espaço físico, definido aqui, para fins heurísticos, como ambiente físico em que a vida social se dá.

Trata-se de uma preocupação de longa data no pensamento sociológico. Em torno dela produziram-se historicamente concepções diferenciadas sobre os vínculos entre espaço e vida social. Para uns, que remetem a leituras específicas de Kant, o espaço seria essencialmente um construto social, tributário de interações sociais e de representações coletivas.² Para outros, associa-se mais a um ambiente físico marcado por dinâmicas de seleção, de distribuição e de acomodação, que “afetam” as relações dos seres humanos com o espaço e com o tempo: uma variável ecológica.³ Enfim, argumenta-se ainda,

* Versão revista da comunicação apresentada na mesa-redonda “Erving Goffman e as ciências sociais: uma homenagem aos 25 anos do seu desaparecimento”, no 31º Encontro Anual da Anpocs, em 23 de outubro de 2007.

em termos dialéticos, que o espaço é mediação de práticas sociais imbuídas de contradição.⁴ Direta ou indiretamente, tais concepções alimentam o debate sociológico sobre o espaço físico até hoje. Teorias alternativas têm recombínado criativa e (mais ou menos) criticamente essas concepções.⁵ O que, aliás, não surpreende. Elas repõem, na sociologia, um debate filosófico antigo, incorporado também por outras ciências humanas quando o assunto é espaço físico.⁶

Considerando, à luz dessa longa história de enfoques sociológicos, que se pode associar “sociologia do espaço” à plethora de preocupações teóricas e metodológicas da disciplina especificamente com o papel do espaço físico na vida social, então é o Goffman sociólogo do espaço que pretendo trazer para o primeiro plano. É mais uma instigante e multifacetada dimensão de sua obra, densa em termos teóricos, mas ainda insuficientemente conhecida.

Meu interesse sociológico e antropológico pelo espaço fez de mim uma leitora de Goffman sempre atenta ao que ele mencionasse acerca de “espaço”. O contato com artigos e livros do período entre as décadas de 1950 e 1980,⁷ e com as análises dos comentadores anteriormente referidos, permitiu reconhecer num *corpus* definido de escritos (Goffman, 1951, [1956] 1967, 1959, 1961 [2005], 1961, 1963a, 1971) que a falta de uma definição explícita de espaço físico coexiste com numerosas referências espaciais – embora, muitas delas, a “lugares” tampouco definidos de modo explícito. Essas alusões todas têm na obra um papel não somente descritivo, mas também interpretativo.⁸ De fato, as menções espaciais medeiam concepções sobre o ambiente físico da vida social que têm importância teórica significativa no esquema conceitual desenvolvido por Goffman para compreender a estrutura normativa das interações face a face não estritamente conversacionais – o que ele chamou de “ordem” ou “vida pública” e, em seu último (e póstumo) texto a respeito (1983), de “ordem da interação”.⁹ Demonstrar que importância é esta, eis o objetivo específico deste texto.

O papel teórico do espaço físico na sociologia goffmaniana transparece pouco na bibliografia secundária. Tendo examinado, até outubro de 2007, as monografias e as coletâneas acima aludidas, além de outras mais antigas, dos Estados Unidos, da Inglaterra, da França, da Alemanha, de Portugal e do Brasil, e artigos e resenhas de dois arquivos ele-

trônicos de revistas internacionais, sobretudo anglo-saxônicas e francófonas,¹⁰ notei uma intrigante desproporção entre o interesse do autor pelo espaço e a atenção de seus estudiosos a esse fato. Evidentemente, ressalta-se o mérito de Goffman em recuperar, para a sociologia, a relevância das “propriedades de relações espacialmente próximas” (Lyman, 1973, pp. 360-366). Seu objeto, as interações face a face, seria relevante (Hannerz, 1980, p. 221) para uma compreensão antropológica da vida e da experiência urbanas, embora o sociólogo não tivesse se dedicado especificamente a elas. Já outros estudiosos destacam que, em busca das propriedades da “ordem pública”, sua “microanálise” teria chegado a vários exemplos de interações próprias da ordem social vigente entre desconhecidos nos chamados “lugares públicos” (Lofland, 1998, p. 4; cf. também Lofland, 1973; Cahill, 1994). O enfoque sobre a lógica normativa em “áreas físicas” fez da obra goffmaniana uma orientação crucial da “microecologia social”, herdeira da ecologia urbana de Chicago (Joseph, [1998] 2000, pp. 56ss). E não só. Os textos sobre as interações nos lugares públicos têm reverberado em pesquisas com orientações teóricas diversas, nos cenários norte-americano (Smith, 2006, p. 39), francês (Joseph, 1984, 1998) e luso-brasileiro (Pais, 1986; Martins, 1999; Frehse, 2004).

Mas o que dizer do estatuto teórico do espaço físico na obra do autor? Preocupados com o modo como a antropologia tem tratado as relações entre sociedade, cultura e ambiente construído, Setha M. Low e Denise L. Lawrence (1990, p. 480) destacam a importância de sua “abordagem dramatúrgica”, pautada na noção de “territorialidade das relações interpessoais”, para a apreensão “psicocultural” das relações espaciais. Já discutindo o “lugar do espaço na sociologia”, Ann Tickamyer (2000, p. 807) sublinha a importância, para o debate, das “regiões” goffmanianas como um dos condicionantes de encontros pessoais. Breves menções como essas fazem par com pesquisas nas quais as categorias do autor ajudam a compreender a relação dos indivíduos com determinados “lugares” (Henderson, 1975; Bell, 1997, pp. 820ss). Porém as vicissitudes teóricas do espaço em sua sociologia permanecem pouco conhecidas.

Perscrutar as referências espaciais contidas nos textos de Goffman acima indicados permite discernir que, em sua seqüência cronológica de publicação, a obra é perpassada por um conjunto de

concepções sobre o espaço físico. A existência destas aponta que, para o sociólogo, espaço é algo complexo. Sua argumentação é pontuada por noções de estrutura social e de interação essencialmente espaciais; e isso tem implicações teóricas para a sua compreensão das relações socioespaciais. A complexidade reside, ademais, no fato de que esses espaços abstratos, construções teórico-metodológicas, coexistem na reflexão de modo muito especial com o espaço físico. Enfim, este mesmo é matéria simultaneamente de quatro concepções de espaço.

Perpassada por essas três dimensões, a obra oferece ao debate sociológico uma explanação interpretativa alternativa do papel do espaço físico nas relações sociais. Ele escapa às concepções de construto social, de variável ecológica e de mediação de práticas sociais por uma via que cabe, ao final da análise, apresentar.

Em busca de espaço, dois pressupostos espaciais

Debruçar-se sobre o Goffman da ordem da interação em busca de referências de cunho espacial é defrontar-se, logo em seu primeiro artigo acadêmico (1951, p. 292), com uma preocupação de inspiração simmeliana: os comportamentos individuais são “signos de posições sociais” que, por sua vez, constituem “símbolos de *status*” quando utilizados como “recursos” que localizam os indivíduos socialmente. A orientação vem do Simmel da tradução do ensaio sobre a moda ([1895]1904), uma das duas menções ao pensador alemão nos primeiros escritos goffmanianos (Gerhardt, 2003, p. 146).

Este esclarecimento indica a relevância, para o autor, de um Simmel específico – aquele interessado nas distâncias sociais que perpassam as “formas de sociação”, isto é, as formas do processo de mútuo exercício, entre os indivíduos, de influências e determinações recíprocas (Simmel, [1917] 2006, p. 17; Waibort, [1999] 2001, p. 100).

Ora, se há distâncias em jogo, há espaço implícito. No entanto, espaço como configuração constituída pela interação de interações. Trata-se de uma abstração teórico-metodológica, construção do sociólogo que permite compreender o que separa e une socialmente os indivíduos em grupos. Assume, assim, relevância uma concepção peculiar de espaço – propriamente, espaço *social*.¹¹

Essa representação coexiste, no início da obra goffmaniana, com uma segunda que foi mais explorada teoricamente pelo autor. Refiro-me ao espaço *interacional*. Dialogando não só com a tese durkheimiana ([1912] 1994) de que rituais coletivos destinados ao indivíduo celebram a sacralidade da vida social, mas também com o Alfred R. Radcliffe-Brown ([1939] 1952) do ritual como atitude de respeito a um objeto imposta pela sociedade a seus membros, Goffman ([1956] 1967, pp. 47-63) associa as regras de conduta vigentes nas interações face a face a “rituais de evitação” e de “apresentação” que integrariam a atividade ceremonial da deferência, importante medida ritual feita por um indivíduo a outro durante a interação, na vida cotidiana. A perspectiva implica distinguir “ritos positivos” de “negativos”, que delimitam “distâncias ceremoniais” entre os indivíduos. O fundamento para tanto o autor encontra na tradução norte-americana do texto de Simmel sobre a discrição ([1908] 1950): adotar rituais de evitação é lançar mão de uma forma de deferência que mantém intacta a “esfera ideal” em torno de todo indivíduo e que, uma vez penetrada, destruiria o “valor de personalidade da pessoa”. E o espaço volta à cena. Só que agora *interacional*, configurado simbolicamente através das regras de conduta nas quais os indivíduos se orientam, em co-presença. Se tal espaço é atravessado por relações de “familiaridade simétrica” ou de “assimetria”, dependendo da “distância sociológica” respectivamente em questão (Goffman, [1956] 1967, p. 64), ele não se confunde com o espaço social – embora o revele.

Contemplada sob o prisma das duas concepções, a interlocução de Goffman com Simmel e Durkheim é tributária dos subsídios teóricos destes autores para sua reflexão sobre o espaço – abstrato – que as interações sociais estendem pela – abstrata – estrutura social. As mesmas referências aos dois pensadores reaparecem na versão definitiva de seu primeiro livro (1959, p. 69). E os dois espaços também: os “estímulos” que compõem a “aparência” do ator em interação seriam reveladores de seu “*status social*”; já aqueles referentes à sua “maneira” informariam sobre o “papel de interação” que ele esperaria desempenhar na situação de contato face a face (*Idem*, p. 24).

Apesar de, nos textos subsequentes, os trechos dos dois pensadores não voltarem a ser citados, as duas concepções de espaço de fato perpassam a

obra goffmaniana. Em 1961, é aprofundada, como contraponto ao clássico debate sociológico sobre papéis sociais, a noção de “distância do papel” (Goffman, 1961, pp. 83-152). Trata-se de englobar na análise a possibilidade de os indivíduos, em sua *performance* na situação de interação, afastarem-se do conjunto de direitos e deveres implícitos em seu papel social. Também esta formulação pressupõe a concepção de um espaço interacional no qual os indivíduos se movimentam, em co-presença. Tal universo de referência se propõe de modo explícito na observação de que as interações face a face são “*campos projetivos ideais*” que o participante ajuda inevitavelmente a estruturar (*Idem*, p. 102, grifo meu). Abstrações espaciais, as interações têm “fronteiras” que, asseguradas por uma “membrana” metafórica, submetem os eventos a elas externos, entre outros, a “regras de transformação” (*Idem*, pp. 29-34, 65-66). Dois anos depois, as metáforas mudam, novos conceitos são testados, mas a reflexão continua com teorizações, por exemplo, sobre o papel, no contexto norte-americano, da regra obrigatória de *fit in*, cuja conotação espacial indica a importância de o indivíduo inserir-se, através de seu comportamento, no espaço abstrato das interações (1963a, p. 11). Importante contraponto analítico é a influência das “inadequações situacionais” sobre a delimitação de distâncias interacionais e sociais (*Idem*, pp. 225, 229). Já em 1971, o autor salienta que poder e posição social interferem na forma dos “territórios do *self*”, demarcações físicas, situacionais ou objetos manejados pelos indivíduos em interação para preservar a imagem de si que constroem pela mediação das interações com outros (Goffman, 1971, p. 41). Ademais, caberia considerar, nos termos de uma “sociologia do lugar”, que comportamento desviante é aquele de quem não mantém seu “lugar” no grupo a que pertence. O que aponta para uma relação direta entre o *self* e a posição normativamente definida do indivíduo no interior do grupo, seu “lugar social” (*Idem*, pp. 340-357) ali – e, assim, localização naquilo que estou chamando de espaços interacional e social.

Tais observações sugerem que, com o avanço da reflexão, o espaço social demarcado por posições se submete mais e mais, em termos teóricos, ao espaço interacional demarcado por ajuntamentos. O que se pode afirmar sobre distâncias sociais parece depender de modo crescente do que se pode afirmar sobre as distâncias interacionais.

Estas revelam aquelas, desafiadno distinções sociológicas clássicas.¹²

Levando-se em conta esses aspectos, seria possível pensar que, em Goffman, o espaço seja essencialmente metáfora de abstrações teórico-metodológicas forjadas nas também teóricas interação e estrutura social. São construções conceituais comuns na disciplina desde seus primórdios – sendo Simmel e Durkheim pioneiros nesse sentido.

Todavia, há muito mais espaço em questão. A obra sobre as interações não conversacionais sugere que os espaços interacional e social constituem, na verdade, dois poderosos *pressupostos* do esquema interpretativo desenvolvido pelo autor para desvendar a estrutura normativa das interações. Se os indivíduos, ao interagirem, se expressam e manejam as impressões de seus interlocutores a respeito deles visando a manter determinado *self*, tais expressões e impressões localizam o indivíduo na própria interação e na estrutura social por localizarem-no no espaço interacional e no social.

No entanto, o crucial é que esse processo de localização se efetiva no espaço-tempo restrito da interação através de recursos comunicativos. E eis que chegamos ao espaço físico.

No espaço interacional, quatro espaços físicos

Tendo-se em mente que Goffman fez sua pós-graduação em Chicago, e que considerou Everett Hughes, aluno de Park com grande sensibilidade etnográfica para pesquisas urbanas, seu mais importante professor (Smith, 2006, p. 31), não espanta sua atenção ao espaço físico. Há quem reconheça (Abbott, 1997, p. 1153) como especificidade das obras de Chicago entre os anos de 1910 e 1930 a ênfase em “tempo e lugar”: a “sociologia contemporânea” estranharia que fatos sociais sejam “localizados”.

Em relação à obra goffmaniana, a associação talvez mais imediata e evidente, sobretudo no Brasil, concerne às chamadas “instituições totais” (em especial, centros clínicos e hospitais psiquiátricos), referenciais empíricos privilegiados no primeiro livro do autor publicado no país, em 1974 ([1961] 2005). Tais instituições exemplificam aquilo que o sociólogo chamara (1959, p. xi) de “estabelecimentos sociais concretos” para sintetizar seu objeto de

estudo: o tipo de vida social que se desenvola nos limites físicos desses estabelecimentos, sejam eles domésticos, industriais, sejam comerciais. A formulação deixa intuir uma ampla gama de ambientes físicos em que a vida social se dá; nos termos aqui propostos, um escopo variado de espaços físicos.

Explicitados como “lugares” ou não, são ambientes principalmente urbanos, o que vai ao encontro da concepção que Goffman tem de sua atuação como pesquisador: a de um “etnógrafo urbano hughesiano”.¹³ O autor aprofundou-se nesse contexto após dezoito meses de pesquisa de doutorado na “comunidade” de uma das Ilhas Shetland (Winkin, 1988, pp. 66-70). Depois dessa experiência etnográfica, foram três anos de observação participante nos setores de pesquisas farmacológicas e de esquizofrenia do National Institutes of Health Clinical Center, e no hospital psiquiátrico St. Elizabeths. Em seguida, “outras pessoas e lugares” (Trevenio, 2003b, pp. 31-32): equipes cirúrgicas nas salas de operação do Herrick Memorial Hospital; jogadores e traficantes nos cassinos de Las Vegas e Nevada; um *disc-jockey* numa rádio da Filadélfia.

Nesse percurso, ganhou corpo uma etnografia abrangente mas minuciosa da vida social em espaços físicos variados da sociedade ocidental: o mundo rural e a cidade e, nesta, “estabelecimentos sociais” em cujos “limites físicos” se dão interações que desafiam, pelas regras que as medeiam, os padrões de normalidade da sociedade, em especial de “nossa sociedade ocidental”, “anglo-americana” (Goffman, 1959, p. 106; [1961] 2005, p. 16; 1963a, p. 132). Se, em 1956, o hospital psiquiátrico é “lugar de atos e compreensões profanos” para onde a “sociedade moderna” leva os transgressores da ordem ceremonial ([1956] 1967, p. 94), em 1959 outros locais são referenciados: igrejas, andares térreos de lojas, fábricas, agências funerárias, oficinas de prestação de serviços, postos de gasolina, os cômodos do Hotel Shetland, emissoras de rádio e televisão, casas (1959, p. 109, 114-20, 134-135), entre outros. Dois anos mais tarde, é, afora o hospital psiquiátrico ([1961] 2005), a vez de mesas de jogo, carrosséis infantis e salas de cirurgia (1961). Já em 1963 são destacados “lugares públicos”, ou seja, “regiões numa comunidade livremente acessíveis aos membros daquela comunidade” (1963a, p. 9). O termo abarca locais vários afora o “espaço público genuíno”, de acesso legal irrestrito, como ruas e praças públicas (Lofland, 1998, p. 4, n. 7).

Em face do escopo abrangente de espaços físicos, poder-se-ia afirmar, parafraseando um trocadilho comum na antropologia, que estamos diante de uma sociologia *no* espaço, e não uma sociologia *do* espaço. Os “limites físicos” dos “estabelecimentos sociais” demarcariam apenas cenários empíricos referenciais para as análises.

Trechos dispersos da obra do autor carregam, contudo, indícios de que há mais em tela. Em 1961, ele ressalta a relação de determinadas “atividades de vida íntima” com “locais” ou “regiões” específicas ([1961] 2005, p. 188); ademais enfatiza, como uma propriedade distintiva de ajuntamentos em face de grupos sociais, a “alocação da posição espacial” dos indivíduos na interação (1961, p. 11). São argumentos que sugerem que a localização dos indivíduos no espaço físico é interpretativamente relevante para uma sociologia da interação.

Na primeira teorização mais delongada sobre a “ordem pública” (1963a, p. 17), o espaço físico assume o estatuto explicativo de condicionante físico de modos de comunicação na interação face a face: “A distância física no âmbito da qual uma pessoa consegue experienciar outra com os sentidos nus – achando assim que o outro está ‘dentro do escopo’ – varia de acordo com vários fatores: o sentido envolvido, a presença de obstruções, mesmo a temperatura do ar”. Essa orientação permite reconhecer, por exemplo, em conversas informais, a dificuldade representada pela distância física e pela interferência de “arranjos mobiliários” (*Idem*, p. 98); e, mais tarde, que seria possível caracterizar ajuntamentos de dois ou mais indivíduos nas ruas como *with*: afinal, esses manteriam entre si um tipo de “proximidade ecológica” (1971, p. 19).

Tais argumentos de 1963 e 1971 sinalizam uma concepção de espaço que é indissociável das reflexões ecológicas de Chicago. Esse é meio físico de relações sociais necessariamente espaciais. Dependendo das condições espaciais, tais ou quais interações são possíveis. Então, além de mero *cenário físico*, o espaço interfere na vida social como *condicionante físico* de interações.¹⁴

Marcadas por tais aspectos, essas concepções de espaço, além das duas primeiras, sobre o espaço abstrato da interação e da estrutura social, não permitem intuir qualquer originalidade de Goffman para a reflexão sociológica sobre o espaço tal como equacionada no início deste estudo. Se os espaços interacional e social dialogam com as perspectivas

de Simmel e de Durkheim, o espaço-físico-cenário e o espaço-físico-condicionante inserem-se na tradição etnográfica e ecológica de Chicago.

Porém ainda há mais em questão. Em um de seus primeiros artigos, o autor reconhece nos atos ou eventos dos indivíduos em interação “veículos de signos”, isto é, portadores de “mensagens cerimoniais” relativas aos respectivos *selhos* e comunicadas durante a co-presença ([1956] 1967, p. 55). Esses atos ou eventos podem, além de lingüísticos ou gestuais, ser “espaciais, como quando um indivíduo antecede outro ao passar pela porta ou senta-se do seu lado direito, e não esquerdo” (*Idem, ibidem*, grifo meu). A perspectiva propõe para o espaço físico o papel de *signo*.

Goffman aprofundou-a em seguida. Na versão final de seu primeiro livro (1959, p. 22), a concepção insinua-se na caracterização – dramatúrgica – do “cenário”, ou seja, “parte-padrão” da “fachada” que os indivíduos apresentam uns aos outros em co-presença física. Ele envolveria mobília, decoração, aparência física e outros “itens de bastidor” que, em conjunto, forneceriam a “paisagem e os acessórios de palco” para a plethora de ações ali encenadas. Mas isso justamente porque a apresentação do *self* se ancora na expressividade intencional e não intencional dos indivíduos, de cunho essencialmente semiótico (*Idem*, p. 2). Essa substância semiótica faz de locais físicos inclusive “recursos cênicos” que distinguem os modos de vida das classes média e baixa (*Idem*, p. 123). Se, em momentos subsequentes do *corpus* de textos aqui em foco, a metáfora dramatúrgica é substituída por referências próprias da comunicação (1963a) e da etologia (1963a, 1971), a concepção semiótica de espaço físico permanece. No ambiente espacial delimitado pelas interações face a face de dois ou mais indivíduos, seus corpos não são apenas instrumentos físicos, mas comunicativos (1963a, p. 23). Sua posição e movimentos no espaço físico integram o “idioma corporal” (*Idem*, p. 33). O autor reconhece assim “convenções espaciais” em engajamentos face a face informais de cunho conversacional: a dependência de distâncias físicas de no máximo alguns pés e, por outro lado, a dificuldade de conversas diretas quando os indivíduos estão a menos de um pé e meio de distância (*Idem*, pp. 98-99). As distâncias físicas entre os indivíduos comunicam tanto quanto as “distâncias individuais” ou “de vôo”, nos pássaros (*Idem*, pp. 156-161). A lógica explicativa man-

tém-se quando, aprofundando o diálogo com a etologia, interessa mostrar (1971, p. 195) que as informações individuais emitidas na interação indicam relações sociais mais ou menos próximas: um dos “signos de interligação” entre interações e relações seria a localização dos corpos no espaço.

Ao chamar a atenção para o caráter semiótico do espaço nas interações, a obra goffmaniana escapa à concepção ecológica, mas também ao argumento de que o espaço é um “meio” prenhe de “recursos” para as atividades sociais (Joseph *apud* Valladares e Lima, [2000] 2005, p. 79). O espaço nem viabiliza praticamente as atividades comunicativas face a face nem é instrumento de sua efetivação. Ele comunica.

Ora, justamente por ser *espaço* comunicativo, o espaço físico é mais que *um signo*. Deixando-se distinguir como tal pela existência de corpos passíveis de ocupá-lo e, assim, transformá-lo e a si mesmo em signos, ele é, ainda, um *ambiente* de signos. É essa a quarta e última concepção de espaço que gostaria, neste estudo, de destacar.

A intuição de que não haveria como refletir sobre a ordem normativa das interações sem problematizar o “ambiente” que as envolve aparece já no início da obra de Goffman. Em 1956, ele afirma que, do ponto de vista dos componentes cerimoniais das atividades dos indivíduos em interação, “ambiente” é “um lugar no qual é fácil ou difícil jogar o jogo ritual de ter um *self*” ([1956] 1967, p. 91). Três anos depois, e munido da metáfora dramatúrgica, o autor traz ao palco da análise o já mencionado “cenário”. Este constitui o “equipamento fixo de signos” de uma entidade espacial maior: a “região de fachada”, onde o *self* se apresenta, e que compõe, junto com a “região de fundo ou bastidor” e o “lado de fora”, a chamada “região”, limitada por barreiras à percepção. Na realidade empírica, as interações nas regiões obedecem à lógica do chamado “cenário comportamental”, da então recente psicologia ecológica de Roger Barker e Herbert Wright. De fato, Barker é relembrado em momentos variados, quando importa reiterar que determinados comportamentos ocorrem em espaços físicos definidos.¹⁵ Para o sociólogo (1959, p. 106), as interações envolvem associações de sentido entre expectativas de conduta e “lugares”. A formulação indica o reconhecimento de que o espaço físico é mais do que um signo passível de ser manejado. Dependendo justamente de suas características

físicas – se “região de fachada”, “bastidor” ou “lado de fora” –, ele se presta a ambiente em que são manejadas impressões distintas. E as próprias características físicas são tidas como signos – sem excluir a possibilidade de as regiões possuírem, às vezes, sentidos diferenciados (*Idem*, p. 126).

Uma vez elaborada teoricamente, essa dimensão do espaço físico foi desdobrada para dar conta das sutilezas analíticas de cada momento. A fim de compreender como “atividades de vida íntima” dos pacientes do hospital St. Elizabeths podiam “ocorrer”, Goffman preocupou-se entre outros, orientando pela etologia ([1961] 2005, p. 188), com o “ambiente”, composto de “locais” ou “regiões” que ele nomeou “espaços” – mais ou menos vigiados por terceiros – e “territórios” – pessoais ou grupais dos internos (*Idem*, pp. 188-203). Já em busca da estrutura normativa das interações face a face em lugares públicos em geral, passo decisivo no esforço de teorização das relações socioespaciais, o autor concentrou-se (1963a, p. 18) nas “condutas públicas adequadas” em “situações” que passou a definir como “ambientes espaciais” (grifos meus) nos quais os ingressantes se tornam membros de um ajuntamento já existente, ou que, assim, passa a existir. Dotada de ênfase espacial, a noção de situação torna-se via de acesso a outras, também de cunho espacial. Penso, em particular, em “situação social”, como ambiente de possibilidades de monitoramento (portanto, comunicação) que fazem de qualquer ingressante o participante de um ajuntamento (*Idem*, p. 243); e em “ocasião social”, como “negócio, empreendimento ou evento que, ligado a determinado lugar e tempo e tipicamente facilitado por equipamento fixo, fornece o contexto social estruturante para a formação, a dissolução e a nova formação de situações e seus ajuntamentos”, em meio a um “padrão de comportamento ‘contínuo’” – de novo nos termos de Barker (*Idem*, p. 18).

Já quando importam, agora em interlocução estreita com a etologia, as conexões da “vida pública” com as relações sociais, tornam-se cruciais os “territórios do self”. Os indivíduos buscam, a todo custo, preservar a posse, o controle, o uso e a disponibilidade desses “campos” delimitados por lugares físicos, seus equipamentos ou objetos, ou por objetos que, pertencentes aos indivíduos, em geral os acompanham fisicamente (Goffman, 1971, p. 28). Contemplar a “ordem pública” sob o prisma desses territórios é, de novo, deparar-se com

signos espaciais e um ambiente de signos. Mas este é, de certo modo, fisicamente mais restrito. Delimitado pelo “mundo imediato” do indivíduo que interage (*Idem*, p. 250), ele representa potencial perigo para o *self*. A fim de conotar um espaço físico definido por “signos de alarme” de cunho etológico, o autor o conceitua como “*Umwelt*”, termo alemão da etologia dos anos de 1930 (*Idem*, p. 252).

Dotado desta dupla dimensão, de ambiente situacional e ambiente do *self* nas situações, o espaço físico assume, em Goffman, sua feição teórica mais elaborada. Mais do que cenário, do que condicionante físico ou signo, o espaço é ambiente de signos para as interações. O que, entretanto, não faz dele o “ambiente” do interacionismo simbólico blumeriano, do qual o sociólogo foi crítico (Gonos, 1977). Para Herbert Blumer (1969, p. 11), o ambiente se define exclusivamente pelos objetos que os seres humanos (re)conhecem como dotados de sentido, podendo um mesmo “local espacial” possuir ambientes diferentes. O ambiente goffmaniano não se restringe a objetos com sentido, pois o espaço não se restringe a uma construção simbólica humana. E isso, embora tenha características que se transformam em signos, nas interações.

Porém então estamos em face de um ambiente expressivo. Tal como o corpo, o espaço físico é *idioma*.

À luz da possibilidade de tal associação, vem à tona uma novidade para o debate sociológico sobre o espaço. Interpretações semióticas do mesmo não são de hoje, embora não especificamente na sociologia.¹⁶ Goffman, entretanto, tem algo diverso a oferecer. Ao espacializar as interações face a face por meio da noção de situação, ele assegura ao espaço físico um papel inovador na compreensão sociológica das interações. O espaço constitui um dos idiomas de que os indivíduos lançam mão quando interagem. É que as interações ocorrem no espaço. Tal idioma faz par com o corporal, ao mesmo tempo em que está a ele submetido – sendo o corpo poderoso produtor de espaço –, o que retira do idioma espacial o mero caráter instrumental. Sua essência é expressiva, comunicativa.

Uma interação, seis espaços

O mero fato de Goffman ter palmilhado etnograficamente um leque vasto de ambientes físicos

no campo e na cidade, de acesso restrito e irrestrito, já seria motivo para se atentar ao papel do espaço em sua sociologia. Não é comum encontrar na história da disciplina contribuições teóricas enraizadas empiricamente em observações etnográficas da vida social em locais tão variados.

Ao buscar desvendar ali a lógica normativa das interações face a face, acreditando que ela reside nessas próprias interações – que “geram” um “campo de atividade” organizado por “normas de conjunção” (1971, p. ix) –, Goffman faz sociologia *no espaço*. Porém, como cedo parece enxergar no espaço físico uma variável que interfere nas interações e, pois, em sua lógica normativa, passa a refletir sobre esta problematizando sociologicamente aquele. Em cena, o Goffman sociólogo *do espaço*.

A análise aqui realizada permitiu reconhecer, primeiramente, que a própria visão que o estudioso apresenta sobre as interações sociais tem forte aporte espacial. Mesmo a mais singela “apresentação do *self* na vida cotidiana” acarreta necessariamente, no espaço-tempo restrito das situações, que os indivíduos se localizem e localizem interacional e socialmente aqueles que com eles interagem. Integrar é invariavelmente colocar lugares sociais em xeque: os lugares ocupados na interação e na estrutura social – esta, aliás, todo o tempo de explícita inspiração durkheimiana e radcliffe-browniana. Tal perspectiva assegura para aquilo que chamei de espaços interacional e social o estatuto de pressupostos teóricos da sociologia goffmaniana do espaço.

Ademais, a análise revelou que o espaço físico não constitui somente cenário físico de interações. É condicionante físico, signo e idioma de interações que localizam, de diferentes modos, os indivíduos interacional e, assim, socialmente.

Portadora dessas concepções, a obra do autor oferece ao debate sociológico sobre o espaço uma explanação interpretativa ampla das relações socioespaciais. Ao interagirem no espaço físico, os indivíduos se localizam e localizam aqueles que com eles interagem no espaço interacional e social. Assim, vêm à tona duas dimensões do espaço abstrato que, na sociologia, costuma prestar-se a ponto de referência para a compreensão de relações e interações sociais. Como, na situação de interação, a localização interacional e social dos indivíduos se efetiva através da expressividade destes, o espaço físico não é só cenário. Ele condiciona fisicamente a interação, porém, de outro ângulo, insere-se nela

como signo, ao mesmo tempo em que constitui o seu ambiente e, ainda, a *Umwelt* do *self* de cada indivíduo em interação. O que remete, em última instância, a seis dimensões sincrônicas do espaço físico.

Perdem relevância, então, distinções comuns na sociologia do espaço. Para interpretações acerca da unidade autônoma de análise e de reflexão teórica que é a ordem da interação, parece importar menos se o espaço físico é construto social, variável ecológica ou mediação de práticas sociais. Do ponto de vista das situações sociais em que a vida cotidiana se desenrola – seara dos “momentos e seus homens” (1967, p. 3) –, interessa que ele é simultaneamente cenário, condicionante, signo e idioma de modos de agir e pensar. Em face de tal complexidade, cabe ao sociólogo etnografar a realidade empírica distinguindo analítica, conceitual e, assim, teoricamente as regras de conduta que medeiam essas interações. Para isso, o autor legou-nos uma paleta de concepções.

Diante de tanto espaço, quem fica quase sem lugar é o tempo. É verdade que, ao definir “situação” em conexão com a noção de “ocasião social” (1963a), Goffman circunscreve ambas também temporalmente. Porém, trata-se do tempo breve das interações, que não se confunde com o tempo de processos sociais mais abrangentes. O autor sabe disso, diferenciando, entre as “atividades” que importam no estudo das situações, “evento situado” e “aspecto meramente situado da atividade situada”, este, intrinsecamente dependente das condições que prevaleceriam no interior das situações (*Idem*, pp. 21-22). Tal recorte analítico o sociólogo perseguiu até o fim de sua trajetória, quando afirmou que, para a “microanálise”, é “impossível dizer o que quer que seja sobre os estudos em grande escala” ([1982] 1983, pp. 198-199). De todo modo, reconheceu naquele momento que, após o estudo da ordem de interação, “devamos passar às conexões entre a ordem da interação e outras ordens da vida social, econômica, política” (*Idem*, p. 202). A questão que permanece reside em se, colocando entre parênteses a história, é possível compreender sociologicamente as situações de que se constitui a vida cotidiana. Interpretações dialéticas dessa mesma vida cotidiana afirmam que não.¹⁷

Entretanto, mesmo que em Goffman o tempo seja escasso, é revelador que abunde espaço. No mínimo, antes de ele (1974, 1979, 1981) mergulhar

em definitivo na análise dos *frames*, enquadramentos contextuais e normativos dos sentidos envolvidos na experiência da vida cotidiana, e que não se confundem com a noção de situação (Gonos, 1977, p. 864, n. 18). Incorporando o espaço amplamente em sua reflexão teórica sobre as interações, o autor abre a possibilidade de questionarmos a abrangência teórica de sua abordagem. Suas concepções seriam aplicáveis apenas ao “nosso mundo urbano secular” (Goffman, [1956] 1967, p. 47)? Mas o que dizer dos dados etnográficos provindos de contextos sócio-históricos diferenciados, não apenas ocidentais?

Se o foco privilegiado de Goffman foi “nossa sociedade anglo-americana”, suas concepções deixam de fato intuir dimensões espaciais das relações sociais que não são exclusivas da sociedade ocidental. E eis que a sociologia encontra a antropologia, o Simmel sociólogo, o Durkheim antropólogo. E o autor reafirma, sabendo ou não, a existência de outro espaço ainda: aquele, intelectual, que congrega criativamente na unidade do diverso sociologia e antropologia.

Notas

- 1 Para uma síntese do debate a esse respeito, ver Chriss (1995).
- 2 Para explicitações pioneiras dessa perspectiva, ver respectivamente Simmel ([1903] 1908, p. 462) e Durkheim ([1912] 1994, pp. 15-16).
- 3 Ver a respeito McKenzie ([1923] 1967, pp. 63ss). Esse equacionamento teórico perpassa a produção inicial de Robert Park e Ernest Burgess ([1925] 1967) e Roderick McKenzie ([1925] 1967) sobre a cidade de Chicago.
- 4 Precursora aqui é a reflexão de Henri Lefebvre sobre a “produção do espaço” ([1974] 2000).
- 5 Ver, nesse sentido, as teorizações pioneiras de Pierre Bourdieu ([1972] 2000), de Anthony Giddens ([1984] 2003) e de John Urry ([1985] 1990).
- 6 Ver a esse respeito Lefebvre ([1974] 2000, *passim*), Urry ([1985] 1990, pp. 21-22) e Soja ([1985] 1990, pp. 99-106).
- 7 Refiro-me a trabalhos específicos de Goffman (1951, 1959, [1961] 2005, 1961, 1963a, 1963b, 1967, 1971, 1974, 1979, 1983).
- 8 Penso na distinção metodológica de Florestan Fernandes (1959, p. 36) entre “explanações descritivas” e “interpretativas”.
- 9 Ao longo deste texto, são de minha autoria todas as traduções de línguas estrangeiras cujos autores não aparecem referenciados na Bibliografia.
- 10 Trata-se do *Journal Storage* (*site* <www.jstor.org>) e do *Persée* (*site* <www.persee.fr>).
- 11 Tal visão simmeliana repercutiu mais tarde na obra de Pierre Bourdieu (cf. uma das primeiras alusões a Simmel nesse sentido em Bourdieu [1966] 2005, p. 18).
- 12 Diz o autor em 1963 que “Mais do que a uma família ou clube, mais do que a uma classe ou sexo, mais do que a uma nação, o indivíduo pertence a agrupamentos, e o melhor que ele tem a fazer é mostrar que é membro de boa reputação” (Goffman, 1963a, p. 248). Essa percepção da importância teórica da ordem – e do espaço – das interações se manterá até seu último e póstumo texto: “Esse ponto de partida corpo a corpo assume, de modo paradoxal, que uma distinção sociológica muito central pode não ser, de início, relevante: notadamente, o contraste-padrão entre vida de aldeia e vida urbana, entre cenários domésticos e públicos, entre relações íntimas, permanentes, e relações fugazes e impessoais” (Goffman, 1983, p. 2).
- 13 Numa entrevista de 1980, Goffman declarou que seria esse o rótulo que mereceria, se tivesse de receber um (Treviño, 2003b, p. 7).
- 14 O que, aliás, conota uma confluência dessa concepção com aquela que, segundo Isaac Joseph (*apud* Valladares e Lima, [2000] 2005, p. 79), perpassa a “abordagem ecológica”, para a qual o espaço é “meio completo no qual a atividade de adaptação e de cooperação dos indivíduos dos grupos encontra recursos” (cf. ainda Joseph, [1998] 2000, p. 57).
- 15 Barker foi o fundador da chamada “psicologia ecológica”, baseada em observações detalhadas das relações entre comportamentos humanos e “cenários naturais”, não experimentais, encontrados na estação de pesquisa que ele criou com colegas numa pequena cidade do estado norte-americano do Kansas, nos anos de 1950 (cf., entre outros, Hall, 1969; Carneiro e Bindé, 1997).
- 16 Penso, entre outros, na reflexão benjaminiana sobre a Paris do século XIX (Benjamin, [1938] 2006; Bolle, 1996) e em associações mais recentes entre

- espaço e signo (Bachelard, [1957] 1996; Cannevacci, [1993] 2004).
- 17 Para sínteses das principais vertentes do debate, ver Pais ([1986] 2001) e Martins ([1998] 2008). Adotando uma orientação teórico-metodológica distinta, Richard Sennett ([1974] 1978, pp. 50-51) critica em Goffman o suposto caráter a-histórico e estático de sua “sociedade de cenários”.

BIBLIOGRAFIA

- ABBOTT, Andrew. (1997), “Of time and space: the contemporary relevance of the Chicago School”. *Social Forces*, 75 (4): 1149-1182.
- BACHELARD, Gaston. ([1957] 1996), *A poética do espaço*. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo, Martins Fontes.
- BELL, Michael Mayerfeld. (1997), “The ghosts of place”. *Theory and Society*, 26 (6): 813-836.
- BENJAMIN, Walter. ([1983] 2006), *Passagens*. Tradução de Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Revisão Técnica de Patrícia de Freitas Camargo. Belo Horizonte, Editora da UFMG.
- BLUMER, Herbert. (1969), *Symbolic interactionism*. Englewood Cliffs, Prentice-Hall.
- BOLLE, Willi. (1996), “As siglas em cores no *Trabalho das passagens*, de W. Benjamin”. Tradução de Jean Briant e Monique Aron Chiarella. *Estudos Avançados*, 1 (27): 41-77.
- BOURDIEU, Pierre. ([1966] 2005), “Condição de classe e posição de classe”, in _____, *A economia das trocas simbólicas*, 6 ed. Tradução de Sérgio Miceli et al. São Paulo, Perspectiva, pp. 3-25.
- _____. ([1972] 2000), *Esquisse d'une théorie de la pratique*. 2 ed. Paris, Éditions du Seuil.
- CAHILL, Spencer. (1994), “Following Goffman, following Durkheim into the public realm”, in D. A. Chekki et al. (orgs.), *Research in community sociology*, Greenwich/Londres, JAI Press, pp. 3-17.
- CANNEVACCI, Massimo. ([1993] 2004), *A cidade polifônica*. Tradução de Cecília Prada. 2 ed. São Paulo, Studio Nobel.
- CARNEIRO, Cláisse & BINDÉ, Pitágoras José. (1997), “A psicologia ecológica e o estudo dos acontecimentos da vida diária”. *Estudos de Psicologia*, 2 (2): 277-285.
- CHRISS, James J. (1995), “Review: some thoughts on recent efforts to further systematize Goffman”. *Sociological Forum*, 10 (1): 177-186.
- DURKHEIM, Émile. ([1912] 1994), *Les formes élémentaires de la vie religieuse*. 3 ed. Paris, PUF.
- FERNANDES, Florestan. (1959), *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- FREHSE, Fraya (2004), *Vir a ser transeunte: civilidade e modernidade nas ruas de São Paulo (entre o início do século XIX e início do século XX)*. Tese de doutorado. São Paulo, Departamento de Antropologia – USP, datilo.
- GASTALDO, Édison (org.). (2004), *Erving Goffman: desbravador do cotidiano*. Porto Alegre, Tomo Editorial.
- GERHARDT, Uta (2003), “Of kindred spirit: Erving Goffman’s oeuvre and its relationship to Georg Simmel”, in A. Javier Treviño (org.), *Goffman’s legacy*, Lanham/Boulder/Nova York/Toronto/Oxford, Rowman & Littlefield Publishers, pp. 143-165.
- GIDDENS, Anthony. ([1984] 2003). *A constituição da sociedade*. Tradução de Álvaro Cabral. 2 ed. São Paulo, Martins Fontes.
- GOFFMAN, Erving. (1951), “Symbols of class status”. *The British Journal of Sociology*, 2: 294-304.
- _____. ([1956] 1967), “The nature of deference and demeanor”, in _____, *Interaction ritual*, Garden City, Anchor Books, pp. 47-95.
- _____. (1959), *The presentation of self in everyday life*. Nova York, Anchor Books.
- _____. ([1961] 2005), *Manicômios, prisões e conventos*. 2 reimpr. da 7 ed. de 2001. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo, Perspectiva.
- _____. (1961), *Encounters*. Indianapolis, Bobbs-Merrill.
- _____. (1963a), *Behavior in public places*. Nova York/Londres, The Free Press/Collier-Macmillan Limited.
- _____. (1963b), *Stigma: notes on the management of spoiled identity*. Englewood Cliffs, Prentice-Hall.
- _____. (1967), *Interaction ritual*. Garden City, Anchor Books.
- _____. (1971), *Relations in public*. Nova York, Basic Books.
- _____. (1974), *Frame analysis: an essay on the organization of experience*. Cambridge, Harvard University Press.

- _____. (1979), *Gender advertisements*. Cambridge, Harvard University Press.
- _____. (1981), *Forms of talk*. Oxford, Basil Blackwell.
- _____. ([1982] 1983), “Microsociologie et histoire”, in Philippe Fritsch (org.), *Le sens de l’ordinaire*, Paris, Editions du CNRS, pp. 197-202.
- _____. (1983), “The interaction order: American Sociological Association, 1982 Presidential Address”. *American Sociological Review*, 48 (1): 1-17.
- GONOS, George. (1977), “‘Situation’ versus ‘frame’: the ‘interactionist’ and the ‘structuralist’ analyses of everyday life”. *American Sociological Review*, 42 (6): 854-867.
- HALL, Edward T. (1969), “Review: ecological psychology: concepts and methods for studying the environment of human behavior by Roger G. Barker”. *American Anthropologist*, 71 (6): 1184-1186.
- HANNERZ, Ulf. (1980), *Exploring the city*. Nova York, Columbia University Press.
- HENDERSON, Margaret H. (1975), “Acquiring privacy in public”. *Urban Life and Culture*, 3 (4): 446-455.
- JOSEPH, Isaac. (1984), *Le passant considérable*. Paris, Librairie des Meridiens.
- _____. (1998), *La ville sans qualités*. La Tour d’Aigues, Editions de l’Aube.
- _____. ([1998] 2000), *Erving Goffman e a microsociologia*. Tradução de Cibele Saliba Rizek. Rio de Janeiro, Editora da FGV.
- LEFEBVRE, Henri. ([1974] 2000), *La production de l’espace*. Paris, Anthropos.
- LOFLAND, Lyn. (1973), *A world of strangers*. Prospect Heights, Waveland Press.
- _____. (1998), *The public realm*. Nova York, Aldine De Gruyter.
- LOW, Setha M. & LAWRENCE, Denise L. (1990), “The built environment and spatial form”. *Annual Review of Anthropology*, 19: 453-505.
- LYMAN, Stanford. (1973), “Review: civilization: contents, discontents, malcontents”. *Contemporary Sociology*, 2 (4): 360-366.
- MANNING, Peter. (1992). *Erving Goffman and modern sociology*. Cambridge, Polity Press.
- MARTINS, José de Souza (org.). ([1998] 2008), “O senso comum e a vida cotidiana”, in _____, *A sociabilidade do homem simples*, 2 ed. rev. e ampl., São Paulo, Contexto, pp. 51-58.
- _____. (1999), *Vergonha e decoro na vida cotidiana da metrópole*. São Paulo, Hucitec.
- McKENZIE, Roderick. ([1925] 1967), “The ecological approach to the study of the human community”, in Robert E. Park e Ernest W. Burgess (orgs.), *The city*, Chicago/Londres, The University of Chicago Press, pp. 63-79.
- PAIS, José Machado. (1986), *As artes de amar da burguesia*. Lisboa, ICS.
- _____. ([1986] 2001), “Paradigmas sociológicos na análise da vida cotidiana”, in _____, *Vida cotidiana: enigmas e revelações*, São Paulo, Cortez, pp. 71-114.
- PARK, Robert E. & BURGESS, Ernest W. (orgs.). ([1925] 1967), *The city*. Chicago/Londres, The University of Chicago Press.
- RADCLIFFE-BROWN, Alfred R. ([1939] 1952), “Taboo”, in _____, *Structure and function in primitive society*, Glencoe, Free Press, pp. 133-152.
- SENNETT, Richard. ([1974] 1978), *El declive del hombre público*. Tradução de Gerardo Di Masso. Barcelona, Ediciones Península.
- SHEFF, Thomas. (2006), *Goffman unbound!* Boulder/Londres, Paradigm Publishers.
- SIMMEL, Georg. ([1903] 1908), “Der Raum und die räumlichen Ordnungen der Gesellschaft”, in _____, *Soziologie*, Berlim, Duncker & Humblot, pp. 460-526.
- _____. ([1895] 1904), “Fashion”. *International Quarterly*, 10: 130-155.
- _____. ([1908] 1950), “Discretion”, in Kurt E. Wolff (org.), *The sociology of Georg Simmel*, Glencoe, Free Press, pp. 320-324.
- _____. ([1917] 2006), *Questões fundamentais da sociologia*. Tradução de Pedro Caldas. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- SMITH, Greg. (2006), *Erving Goffman*. Londres/Nova York, Routledge.
- SOJA, Edward W. ([1985] 1990), “The spatiality of social life: towards a transformative retheorisation”, in Derek Gregory e John Urry (orgs.), *Social relations and spatial structures*, Basingstoke/Londres, Macmillan Education, pp. 90-127.
- TICKAMYER, Ann R. (2000), “Space matters! Spatial inequality in future sociology”. *Contemporary Sociology*, 29 (6): 805-813.
- TREVINO, A. Javier (org.). (2003a), *Goffman’s legacy*. Lanham/Boulder/Nova York/Toronto/Oxford, Rowman & Littlefield Publishers.

- _____. (2003b), "Introduction: Erving Goffman and the interaction order", in A. J. Treviño (org), *Goffman's legacy*, Lanham/Boulder/Nova York/Toronto/Oxford, Rowman & Littlefield Publishers, pp. 1-49.
- URRY, John. ([1985] 1990), "Spatial relations, space and time", in Derek Gregory e John Urry (orgs.), *Social relations and spatial structures*, Basingstoke/Londres, Macmillan, pp. 20-48.
- VALLADARES, Lícia do Prado & LIMA, Roberto Kant de. ([2000] 2005), "A Escola de Chicago. Entrevista com Isaac Joseph", in ____ (org.), *A Escola de Chicago*, Belo Horizonte/Rio de Janeiro, Editora UFMG/Iuperj, pp. 69-92.
- WAIZBORT, Leopoldo. ([1999] 2001), "Elias e Simmel", in ____ (org.), *Dossiê Norbert Elias*, São Paulo, Edusp, pp. 89-111.
- WINKIN, Yves. (1988), "Goffman à Baltasound". *Politix*, 1 (3): 66-70.
- WOLFF, Kurt H. (1950), *The sociology of Georg Simmel*. Tradução e organização de Kurt H. Wolff. Glencoe, Free Press.

**ERVING GOFFMAN,
SOCIÓLOGO DO ESPAÇO****Fraya Frehse**

Palavras-chave: Erving Goffman (1922-1982); Espaço na sociologia; Sociologia do espaço; Interação.

Textos de Erving Goffman das décadas de 1950 a 1980 carregam referências espaciais que têm um – até agora pouco destacado – caráter interpretativo no esquema conceitual desenvolvido pelo autor para compreender a estrutura normativa das interações face a face não estritamente conversacionais. Perscrutar essas referências na cronologia da obra deixa entrever noções de estrutura social e de interação essencialmente espaciais. Estes espaços abstratos coexistem na reflexão com o espaço físico, que, por sua vez, é concebido simultaneamente como cenário físico, condicionante físico de interações, sinal e ambiente de sinais. Assim, a obra goffmaniana oferece à sociologia uma interpretação alternativa do papel do espaço físico nas relações sociais. Ele escapa às concepções de construto social, de variável ecológica e de mediação de práticas sociais por uma via que cabe, ao final da análise, apresentar.

**ERVING GOFFMAN,
SOCIOLOGIST OF SPACE****Fraya Frehse**

Keywords: Erving Goffman (1922-1982); Space in sociology; Sociology of space; Interaction.

Texts by Erving Goffman published between the 1950s and the 1980s convey spatial references that – although so far little noticed – have an interpretive character in the conceptual scheme developed by the author in order to understand the normative structure of face-to-face interactions which are not strictly conversational. By analyzing such references in the chronology of Goffman's work one can discern notions of social structure and of interaction which are essentially spatial. In the author's reflection these abstract spaces coexist with physical space, which on its turn is simultaneously conceived as a physical setting, as a physical conditioner of interactions, as a sign, and as an environment of signs. Thus, Goffman's work offers sociology an alternative interpretation of the role of physical space in social relations. This role should not be confounded with that of a social construct, of an ecological variable, or of a mediation of social practices. It is something different, that the end of the analysis reveals.

**ERVING GOFFMAN,
SOCIOLÓGUE DE L'ESPACE****Fraya Frehse**

Mots-clés: Erving Goffman (1922-1982); Espace dans la sociologie; Sociologie de l'espace; Interaction.

Des textes d'Erving Goffman écrits dans les années 1950 à 1980 sont chargés de références spatiales qui possèdent un caractère interprétatif, jusqu'à présent sous-estimé, dans le schéma conceptuel développé par l'auteur en vue de comprendre la structure normative des interactions face à face et qui ne sont pas strictement conversationnelles. Scruter ces références dans la chronologie de l'œuvre permet d'entrevoir des notions de structure sociale et d'interaction essentiellement spatiales. Ces espaces abstraits coexistent dans la réflexion avec l'espace physique qui, à son tour, est conçu simultanément en tant que scénario physique, condition physique d'interactions, signe et environnement de signes. Ainsi, l'œuvre goffmanienne offre à la sociologie une interprétation alternative du rôle de l'espace physique dans les rapports sociaux. Il échappe aux conceptions d'un construct social, de variable écologique et de médiation de pratiques sociales par une voie qui devrait, à la fin de l'analyse, être présentée.